

**INSTÂNCIAS SUBJETIVAS DAS ROUPAS: QUANDO O VESTUÁRIO CONTA
HISTÓRIAS**

Juliana Luiza de Melo Schmitt

Historiadora e especialista em História da Arte, pela UEL, Mestre em Moda, Cultura e Arte, pelo Centro Universitário Senac, mestranda em História Social, na USP

ju_luiza@hotmail.com

Resenha de STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor.**

Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008, 3ª edição, 112 páginas. Tradução de Tomaz Tadeu.

Ao se considerar uma bibliografia sobre moda, talvez, tão importante quanto concebê-la como fenômeno de consumo e formação de gostos, ou optar por analisá-la em suas relações com a economia, seja entendê-la em uma instância ainda mais primordial (e erroneamente percebida como óbvia): seu contato direto com a pessoa que o veste. Isto é, a roupa no corpo de um indivíduo, e as implicações desse encontro. Nesse sentido, *O casaco de Marx* é uma obra reveladora. Dividido em três textos, originariamente publicados em separado, o livro do crítico literário e professor do Departamento de Literatura da Universidade da Pennsylvania, Peter Stallybrass, trata da relação construída pelos homens com seus objetos pessoais, sobretudo, com suas peças de roupa.

O autor mostra os complexos vínculos que desenvolvemos com esses itens que conectam o universo da subjetividade com o exterior, seja enquanto meio

ambiente, sociedade ou no relacionamento com outras pessoas. Pode-se considerar, assim, o vestuário não apenas como matéria que envolve o corpo, mas como mediador, elemento que se molda conforme sensibilidades, as quais são expostas ao mundo. Nessa direção, a pesquisa com roupas e, em sua extensão, com a moda, abrange muito mais do que os aspectos formais, como tecidos ou modelagens, já que se lida com existências. E, como afirma Gilles Lipovetsky, em *O Império do Efêmero*, “o mundo da moda não causa furor no meio intelectual”, talvez seja porque se perde de vista justamente esse tipo de percepção tão evidente.

Logo no primeiro capítulo, denominado “A vida social das coisas: roupas, memória, dor”, Stallybrass afirma, num texto de tom confessional, porque começou a se ocupar com estudos sobre o vestuário. Nesse, que é, a meu ver, o capítulo mais emocionante dos três, o autor explica como finalmente entendeu o significado simbólico das vestes por meio da dor profunda de perder um ente amado. E, no seu caso, experimentou o falecimento do melhor amigo, vítima de leucemia. Quem já sofreu a morte de alguém querido e próximo sabe da sensação particularmente difícil de lidar com as peças deixadas pelo morto:

A roupa tende pois a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente. (p. 14)

As vestimentas, para ele, além de representarem a presença física e rememorarem, a todo instante, a ausência de quem partiu, denotam também suas escolhas pessoais, seus gostos e opiniões: são verdadeiras relíquias. Aprendemos a amar, portanto, suas cores desbotadas, cortes *démodé*, as pequenas marcas, golas alargadas, manchas e puídos que se tornam os resquícios, os rastros de uma trajetória terrena.

Veio desse *insight* pessoal o estopim para o autor buscar a importância das roupas na esfera privada da vida. O texto seguinte, que dá o título ao livro, traz um relato, no mínimo, curioso: quem haveria de dizer que o vestuário era uma problema para Karl Marx? Stallybrass encontra no guarda-roupa do intelectual alemão, crítico do capitalismo, fomentador das ideologias socialistas e instigador das massas operárias do mundo, uma crônica delicada sobre a preocupação com a aparência e o bem-vestir.

Na intensa pobreza em que vivia na industrial Londres da segunda metade do século XIX, Marx fora obrigado a recorrer inúmeras vezes às lojas de penhores, nas quais o objeto principal das transações era o seu casaco de inverno. O dinheiro arrecadado convertia-se não só em alimentos para a família como em papéis e tinta para seu trabalho de jornalista.

Entre as décadas de 1850 e 1860, seu casaco estava condenado a ir e voltar diligentemente dos penhores. O inconveniente disso para sua carreira era que, sem ele, não podia frequentar a biblioteca do Museu Britânico, onde iniciava pesquisas para a produção de *O capital*. E não só pelo motivo evidente de estar exposto ao frio, mas porque não estaria vestido como um homem respeitável, condizente com tal ambiente de estudo:

(...) o salão de leitura não aceitava simplesmente qualquer um que chegasse a partir das ruas; e um homem sem um casaco, mesmo que tivesse um passe de entrada, era simplesmente qualquer um. Sem seu casaco, Marx não estava, em uma expressão cuja força é difícil de reproduzir, "vestido em condições que pudesse ser visto".
(p. 65)

No capítulo final, "O mistério do caminhar", até então inédito, inserido na última edição brasileira de 2008, o autor evoca os personagens Édipo e Rei Lear e, ainda, textos de Primo Levi para analisar o ato humano de andar, de se deslocar

por si só, prática tão natural e corriqueira que nos passa despercebida. E demonstra como o sapato correto é, às vezes, condição básica para a sobrevivência social:

Nos campos de concentração, os prisioneiros que conseguem sapatos que não cabem em seus pés descobrem, ao final, que não conseguem caminhar com eles. Incapazes de caminhar, e portanto de trabalhar, são imediatamente dispensáveis. (p. 99)

Novamente, Stallybrass demonstra sensibilidade ao compartilhar com os leitores o *leitmotiv* desse terceiro texto: o episódio em que estava com seu irmão e seu pai, esse com 80 anos, escalando um monte na Escócia. Depois de 1.800 metros, faltando apenas 70 para chegarem ao topo, seu pai, extenuado pelo cansaço, desiste do percurso. E é a partir desse evento, que ele passa a escrever intensamente suas memórias, antes de morrer. Os pés que não aguentaram o esforço da caminhada foram, então, substituídos por mãos que percorreram distâncias impossíveis de serem contabilizadas.

O tema da memória é, dessa maneira, recuperado do primeiro capítulo, reforçando a ideia da relação dos homens com suas vestes como algo carregado de lembranças e presenças. Estranho pensar assim em tempos em que roupa e moda são praticamente sinônimos, e que por moda pressupõe mudança frenética e frívola. Sobre isso, diz o autor: *“Ao pensar nas roupas como modas passageiras, nós expressamos apenas uma meia-verdade. Os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem”* (p. 10). Quais histórias suas roupas contarão sobre você?